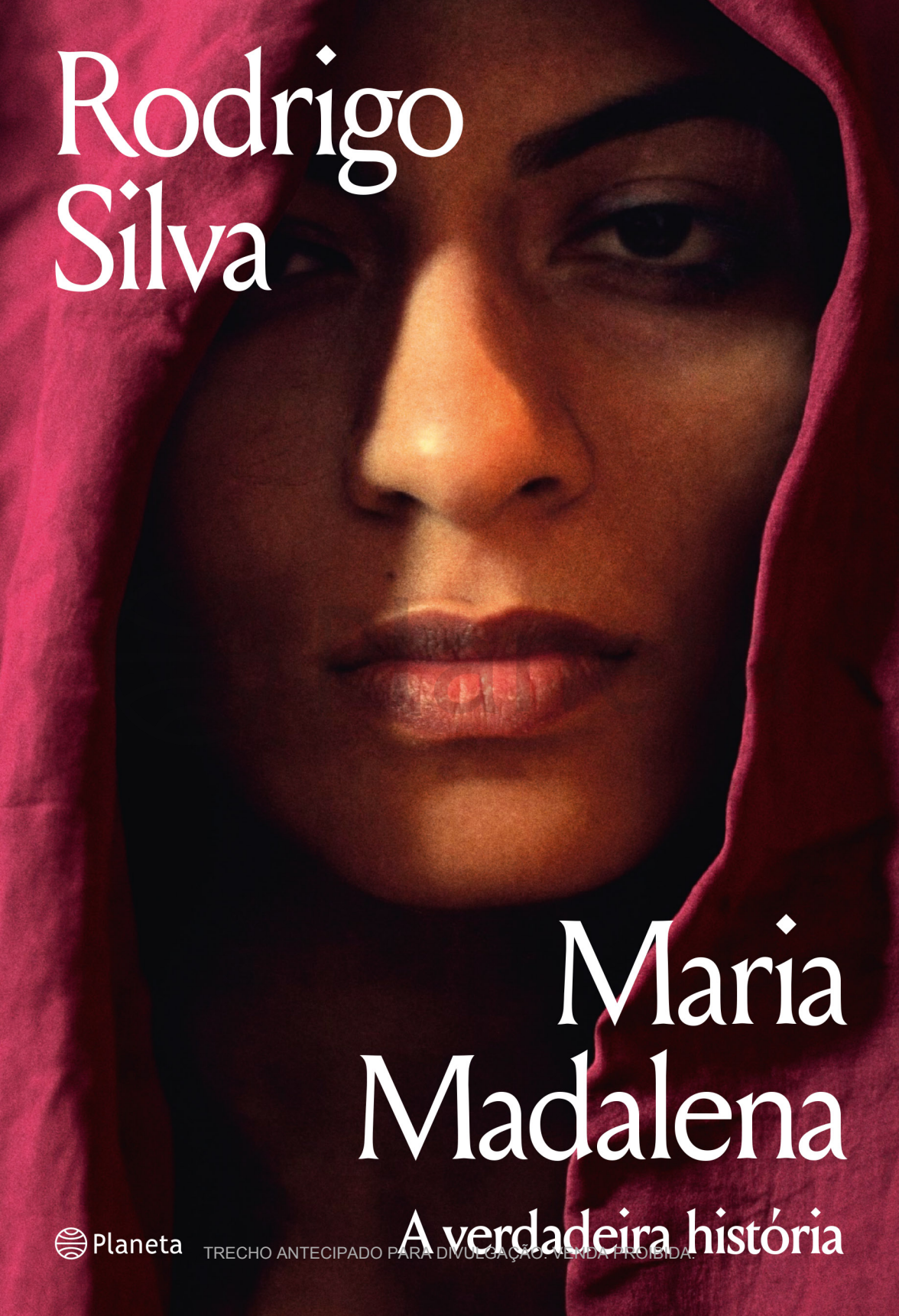

Rodrigo Silva

Maria Madalena

A verdadeira história

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Rodrigo Silva

Maria Madalena

A verdadeira história

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rodrigo Silva, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Edição: Thaís Rimkus
Preparação: Laís Chagas
Revisão: Caroline Silva e Valquíria Matiolli
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Angelo Bottino
Imagem de capa: Nagib El Desouky/Arcangel

Salvo exceções, apontadas entre parênteses, as citações bíblicas foram retiradas da versão Nova Almeida Atualizada. (NAA © 2017 Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Rodrigo
Maria Madalena : a verdadeira história / Rodrigo Silva. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
320, [8] p.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-2628-7

1. Maria Madalena – História. I. Título.

24-0441 CDD 235.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Maria Madalena – História

Planeta

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Arno Pro e impresso pela Gráfica Santa Marta para a Editora Planeta do Brasil em fevereiro de 2024.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

CAPÍTULO 1 Versões e desconstruções de uma imagem . . 17
CAPÍTULO 2 O escândalo do cristianismo 43
CAPÍTULO 3 Escavando Magdala 71
CAPÍTULO 4 Crescer mulher na Galileia 95
CAPÍTULO 5 Pureza ritual 117
CAPÍTULO 6 O mundo em que Maria cresceu 139
CAPÍTULO 7 Convivendo com o inimigo 161
CAPÍTULO 8 A oportunidade de Deus 189
CAPÍTULO 9 Intocáveis e improváveis de Deus 217
CAPÍTULO 10 Tragédia em família 243
CAPÍTULO 11 Verdades inconvenientes 265
CAPÍTULO 12 Devoção final 289

Bibliografia 316

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO 1

Versões e desconstruções de uma imagem

"Ser você mesmo em um mundo que está constantemente tentando fazer de você outra coisa é a maior conquista."

RALPH WALDO EMERSON

Em 1945, ano em que os Aliados anunciaram o fim da Segunda Guerra Mundial, uma descoberta acidental envolvendo assassinato, vingança, contrabando e mistério ganhou destaque na história da arqueologia moderna. Porém, há diferentes versões de como tudo aconteceu.

Numa delas – a que nos interessa aqui –, o descobridor foi Mohammed Ali, um camponês egípcio do clã al-Samman que vivia nas redondezas de Nag Hammadi, no Alto Egito. Ele estava junto de seus irmãos escavando o solo das montanhas locais a fim de encontrar o *sabakh*, fertilizante natural muito cobiçado na região. O que encontrou, no entanto, foi um antigo jarro de argila lacrado que media um metro e meio de altura.

Por pertencer a uma cultura repleta de superstições e lendas, Mohammed temeu abrir o jarro e libertar algum gênio mau aprisionado. Porém, se não o abrisse, poderia perder a chance

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

de encontrar um valioso tesouro. A cobiça superou o medo: ele rompeu o lacre e, em vez de joias, ouro ou um gênio demoníaco, o que viu foi um conjunto de treze livros muito antigos, copiados em folhas de papiro e encadernados com capas de couro.

O achado propiciou aos historiadores uma preciosa coleção de 51 antigos textos cristãos, 36 dos quais eram até então desconhecidos. Esses documentos descortinam parte dos bastidores da Igreja Católica nos primeiros anos após a morte de João, o último e mais longevo dos apóstolos de Cristo. Neles é possível observar versões marginais do cristianismo primitivo que conviviam em pé de guerra com uma espécie de cristianismo apostólico oficial.

Os textos estavam escritos em copta, idioma derivado do antigo egípcio, redigido com letras gregas e demóticas. Os cristãos de Alexandria o adotaram como língua oficial e litúrgica a partir do fim do século 2 d.C. até o século 11, quando começou a ser suplantado pelo dialeto boárico e, depois, pelo árabe, que atualmente é a língua oficial do país. De forma geral, hoje seu uso se restringe às missas da Igreja Copta, ramo do cristianismo que floresceu no Egito por volta do século 1 d.C. e segue sendo a religião de cerca de 10 a 20% de uma população de mais de 80 milhões de egípcios.

Embora os manuscritos descobertos sejam unanimemente datados do século 4 d.C., acredita-se que seu conteúdo seja uma tradução de outros textos gregos mais antigos, dos séculos 2 ou 3 d.C. É provável que seus autores fossem cristãos heterodoxos com uma compreensão da fé diferente daquela adotada oficialmente pelos líderes da Igreja em Roma.

Com todos os elementos de um filme de ação digno de Indiana Jones, o achado de Nag Hammadi deu o que falar no mundo acadêmico. Boatos de que os textos continham verdades

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

inconvenientes sobre Jesus e o cristianismo fizeram com que muitos desconfiassem de que a Igreja estaria sabotando a divulgação de seu conteúdo, em especial por causa da notícia de que eles continham revelações sobre uma relação amorosa entre Jesus e Maria Madalena.

A verdade é que a demora na publicação dos textos se deu por causa das circunstâncias complicadas. Havia tempos, a polícia estava no encalço de Mohammed Ali e de seus irmãos, pois suspeitava de que haviam emboscado e matado os assassinos do pai deles. Embora a vingança de sangue fosse comum entre tribos beduínas, eles eram procurados pela justiça egípcia.

Além disso, a vila de Nag Hammadi, local da descoberta, ficava nas redondezas de Jabal al-Tárif, uma cadeia montanhosa com nada menos que 150 cavernas, algumas das quais usadas pelos egípcios desde os tempos faraônicos, há pelo menos quatro mil e trezentos anos. Logo, temia-se que a região fosse inundada por caçadores de tesouros e a situação saísse do controle. A disputa, portanto, tinha a ver com as autoridades locais, não com alguma ação por parte do Vaticano.

Quando um dos livros caiu nas mãos do professor Gilles Quispel, historiador e teólogo holandês, ele logo percebeu que se tratava de um evangelho até então desconhecido. Soube-se mais tarde que seriam, na verdade, vários evangelhos inéditos, interpretados como textos de um cristianismo paralelo, conhecido como gnosticismo, do qual falaremos adiante. Hoje sabemos que a coleção vai além desse movimento, mas, por questões de nomenclatura, o termo ainda é utilizado.

Seu conteúdo de fato revela coisas estranhas para o cristianismo comum; algumas já eram parcialmente conhecidas, outras nem tanto: por exemplo, que Tomé seria irmão gêmeo de Jesus e que o Salvador teria permanecido ainda onze anos na terra

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

após ressuscitar. Nada, porém, foi mais comentado que a possibilidade de o Salvador ter tido uma relação amorosa com Maria Madalena, tida por alguns como sua discípula preferida. Em um desses textos, intitulado Evangelho de Filipe, os especialistas decifraram o seguinte trecho, aqui reproduzido com demarcação das partes dúbias ou faltantes:

> A companheira [do Salvador] é Maria Madalena. [Mas Cristo a amou] mais que [a todos] os discípulos e costumava beijá-la [frequentemente] na [boca]. O resto dos [discípulos ficaram ofendidos] [...]. Disseram-lhe: "Por que o Senhor ama mais a ela que a nós?". O Salvador respondeu e disse-lhes: "Por que não os amo como a ela?" (Evangelho de Filipe 63:30-64:10).

Atualmente, a maioria dos estudiosos da área não concorda que esses trechos estejam realmente validando uma relação amorosa entre Jesus e Maria. O próprio texto de Filipe, um dos mais citados pelos defensores do suposto enlace, é entendido como uma referência à relação espiritual entre Cristo e Maria, não à atração física de dois amantes.

O que aqui traduzimos como "companheira" é uma palavra que o texto copta importou do grego. O texto original diz que Maria era *koinōnos* de Cristo, termo que curiosamente aparece no masculino e cujo sentido não se limita à condição de cônjuge. *Koinōnos* pode ser entendido como "amigo", "dupla", "parceiro", "companheiro de viagem", "sócio numa transação comercial", enfim, uma pessoa engajada em companheirismo ou que compartilha com alguém uma relação que não implica matrimônio.

Como veremos adiante, esse mesmo termo aparece no Evangelho de Filipe relacionado, de forma metafórica, a uma parceria espiritual e à reunificação do cristão gnóstico com o reino

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

místico de Cristo. E o mais importante: há vários trechos no Evangelho de Filipe em que a palavra copta regular para esposa é usada em referência a pessoas que claramente são cônjuges, sugerindo que o termo *koinōnos* é reservado para um uso mais específico, diferente de um casamento literal.

Além disso, o costume de Jesus de beijar Madalena é completado com um "na boca" pelos defensores da união matrimonial entre os dois. Porém, o manuscrito está deteriorado nessa parte, de modo que, a menos que encontremos outra cópia do texto, é impossível saber como esse beijo se caracterizava. Podia ser na testa, na face, nas mãos. O beijo social nos tempos de Roma era comum não apenas entre cônjuges e podia ser dado em qualquer parte do rosto. Tal costume é atestado por Plínio, o Velho (23-79 d.C.), historiador, naturalista e oficial romano (*Historia naturalis*, 26.3).

Aliás, ainda que fosse um beijo na boca, isso não seria prova inconteste de um envolvimento amoroso entre Jesus e Maria. Na cultura ocidental, beijos labiais são normalmente associados à sexualidade, mas na sociedade romana não era assim. Por estranho que pareça, o encontro rápido de lábios – em outras palavras, o "selinho" – era um cumprimento aceito de forma ampla no mundo de Roma, até mesmo nas comunidades mais conservadoras. O "beijo" entre Jesus e Madalena no texto de Filipe pode aludir a esse costume que parece ter sido adotado pelo cristianismo, embora algumas igrejas só permitissem o beijo entre pessoas do mesmo sexo. Em Romanos 16:16, Paulo admoesta: "Saúdem uns aos outros com um beijo santo" (cf. também 1Co 16:20; 2Co 13:12; 1Ts 5:26; 1Pe 5:14).

Até as comunidades judaicas, caracterizadas por um conservadorismo maior que o dos romanos, consideravam o beijo uma expressão de amizade. Assim, 2Samuel 20:9 conta que Joabe,

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

fingindo grande amizade com Amasa, pegou-o pela barba para beijá-lo quando o matou. Em Lucas 7:45, quando Jesus reclama da falta de hospitalidade de Simão, que o recebera em sua casa, e diz "Você não me beijou", Cristo expressa que o anfitrião não havia demonstrado o devido afeto para com ele. Quem o fez foi Maria, que, chorando, lavava e beijava seus pés. Por fim, Judas também beijou Cristo, fingindo ser seu amigo.

Acerca do beijo nos tempos romanos, Michael Philip Penn, professor de estudos religiosos da Universidade Stanford, escreveu o livro *Kissing Christians: Ritual and Community in the Late Ancient Church* [Beijando cristãos: ritual e comunidade na igreja primitiva tardia]. Nele, Penn afirma que os cristãos primitivos se beijavam muito, principalmente durante reuniões de culto. Era um modo clássico de demonstrar uma relação familiar e, uma vez que os primeiros cristãos viam sua comunidade como um novo tipo de família (a ponto de se chamarem de "irmãos"), não é difícil supor que o ritual do beijo fosse uma forma apropriada de reforçar os laços familiares do cristianismo. Mesmo entre os povos considerados pagãos, o beijo era visto como uma troca espiritual, e talvez por isso Paulo se referisse a ele como "beijo *santo*", para reforçar o sentido espiritual do ato.

Portanto, ainda que Cristo beijasse Maria nos lábios, esse gesto não teria a conotação sexual imposta por tantos hoje.

Mas, então, quem foi Maria?

Da arqueologia às discussões acadêmicas que se estenderam desde a redação do Novo Testamento, até a filmagem de *O código da Vinci*, de Dan Brown, e *Maria Madalena*, de Garth Davis, a imagem dessa discípula foi repetidamente cooptada,

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

distorcida e contestada. Teólogos e escritores às vezes minimizaram sua influência, tachando-a de ex-prostituta; noutras vezes superestimaram sua figura, elevando-a à categoria de esposa de Cristo, com direito a beijos, afagos e segredos não partilhados com os demais.

Uma das mais interessantes versões de sua história, perdendo apenas para o suposto *affair* entre Madalena e Jesus Cristo, vem de uma possível interpretação do Talmude babilônico, antigo tratado judeu compilado na Mesopotâmia entre 200 d.C. e 500 d.C. Nele, os rabinos chegaram a confundir Maria Madalena com Maria, mãe de Jesus, como também o fizeram alguns teólogos da Igreja Síria.

Na versão talmúdica, pelo menos de acordo com a interpretação do rabino Burton L. Visotzky,[1] o cristianismo teria surgido por um erro cometido pelo assistente do anjo da morte. Uma mulher chamada *Miriam magdilã nshaya*, que seria Maria Madalena, estava condenada à morte eterna, provavelmente por causa de prostituição, mas o anjo assistente levou por equívoco outra de nome parecido, *Miriam magdilã dardakey*, que seria Maria, a mãe de Jesus. Repreendido por seu erro, o anjo assistente poupou ambas as Marias, o que explicaria por que Deus teria permitido que uma judia vivesse e gerasse o herege "Jesus", que por sua vez levaria tantos à perdição. A confusão entre as duas Marias seria, também, uma piada dos rabinos para mostrar que a mãe de Jesus poderia facilmente ser confundida com uma prostituta.

São tantas versões, elocubrações e ideias especulativas sobre Maria que, sem um critério bem definido, fica fácil perder-se

---

1. Visotzky, Burton L. *Fathers of the World:* Essays in Rabbinic and Patristic Literatures (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament). Tübingen: Mohr, 1995, pp. 85-92.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

num emaranhado de hipóteses não fundamentadas. Afinal, o que realmente se sabe sobre a mulher mais misteriosa da Bíblia?

Circulava nos quatro cantos do Brasil colonial o jargão: "Lá vem ela com essa cara de Madalena arrependida". Tais palavras levam-nos a imaginar – nunca sob uma luz favorável – quem seria Maria Madalena. A não ser pelo erro de achar que ela seria a pecadora acerca da qual Jesus disse "Quem de vocês estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra nela" (Jo 8:7), seu nome era pouco ou nada mencionado nas missas ou nos cultos protestantes. De certo modo, foi necessário o advento dos movimentos feministas para reacender o debate e o interesse histórico em torno de sua figura.

A própria Igreja Católica demorou dois milênios para reconhecer Maria Madalena em sua lista oficial de santos. A canonização tardia, por si só, levantava suspeitas sobre o real motivo da demora, principalmente porque figuras controversas como São Camilo (um jogador compulsivo), São Calisto (um estelionatário) e Santa Olga de Kiev (uma incendiária) não esperaram tanto para receber o reconhecimento oficial da Igreja.

No texto de canonização, Maria foi chamada pelo papa Francisco de *apostolorum apostola*, que significa "a apóstola dos apóstolos". O título, que já havia aparecido nos escritos medievais de Rábano Mauro e Tomás de Aquino,[2] sugere uma suposta retratação sobre seu verdadeiro *status* na história da igreja primitiva. Em um tempo em que tanto se debate sobre a ordenação de mulheres como pastoras, bispas e sacerdotisas, a iniciativa do papa

2. Rábano Mauro. *De vita beatae Mariae Magdalenae*, c. xxvii. Disponível em: https://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0788-0856__Rabanus_Maurus__De_Vita_Beatae_Mariae_Magdalenae_Et_Sororis_Ejus_Sanctae_Marthae__MLT.pdf.html. Acesso em: 15 mar. 2023.; São Tomás de Aquino. *In Ioannem Evangelistam Expositio*, c. xx, L. iii, 6.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

mostrou-se ousada e questionada. Seria um ato de *mea culpa* por parte da Igreja? Ou, quem sabe, uma sinalização para a abertura à entrada de mulheres no sacerdócio?

Em que pesem as inferências imediatas, a rigor, a reconstrução histórica de Maria Madalena com vias a traçar uma linha em direção ao tema da ordenação de mulheres parece anacrônica ao contexto dos apóstolos. A ideia de "ordenar" como investidura eclesiástica com autoridade sacerdotal não está nas páginas do Novo Testamento; essa não era uma pauta de discussão da igreja no primeiro século.

É claro que a busca histórica por Maria Madalena esbarra nos limites de uma personagem cuja vida só conhecemos de forma bastante fragmentária. Por isso, é importante selecionar os textos mais precisos em revelar quem essa mulher realmente foi. De igual modo, fontes posteriores, que trazem um retrato mais fantasioso dela, também se mostram úteis para indicar como e por que sua imagem foi modificada para atender a interesses teológicos particulares.

Fato é que o próprio nome pelo qual é chamada nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João nos dá uma ideia de quem ela seria. "Maria Madalena", assim registrado, era um epíteto incomum, porque as mulheres costumavam ser definidas em relação ao pai, ao marido ou aos filhos. Lucas fala de Joana como esposa de Cuza (Lc 8:2-3); Salomé é descrita por Mateus como a mãe de Tiago e João ou a esposa de Zebedeu (Mt 20:20; 27:56). Até Maria, a mãe de Jesus, é simplesmente chamada de mãe de Jesus, nunca "Maria de Nazaré" – uma alcunha que surgiu depois.

Portanto, no caso da nossa biografada, o mais esperado pelo protocolo da época seria chamá-la simplesmente de Maria ou dar-lhe um complemento como "esposa de fulano", "mãe de

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

beltrano", "filha de sicrano". Chamá-la de Maria Madalena é ainda mais emblemático se lido em grego, idioma original do Novo Testamento, pois, na maioria das vezes, seu nome é grafado numa fórmula gramatical que envolve nome próprio, artigo definido e localidade geográfica. Esse era um tipo de designação mais comum aos homens, não às mulheres. É o caso de Paulo de Tarso, Simão Cirineu (da região de Cirene) e Jesus de Nazaré.

Essa distinção, por si só, define Maria como uma mulher independente, sem conexão com um homem. Ela, de fato, parece livre de laços parentais. Não tem marido ou filhos, pois segue livremente Jesus da Galileia a Jerusalém e testemunha sua crucificação, bem como seu túmulo vazio na madrugada de domingo.

Nos Evangelhos de Marcos e de João, ela é a primeira a ver o Senhor ressurreto e a conversar com ele, chamando-o inclusive de *Rabboni*, palavra formada por *Rabbon* (o mais alto título de honra para um professor nas escolas judaicas) com o sufixo *i*, que significa "meu". *Rabboni*, ou "meu Mestre", é uma expressão aramaica que só faria sentido para o aluno regular de um rabino.

Assim, não estamos falando de uma discípula no sentido comum de "seguidora" de Jesus, como era o caso de várias mulheres assim designadas e que, inclusive, ajudavam a sustentar o ministério de Cristo de forma financeira. O Evangelho de Lucas fala delas, explicando que Jesus "andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando [...]. Iam com ele os doze discípulos, e também algumas mulheres que haviam sido curadas [...]: Maria, chamada Madalena, [...]; Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Suzana e muitas outras, as quais, com os seus bens, ajudavam Jesus [...]" (Lc 8:1-3). O trecho "muitas outras" implica um grupo expressivo. Ou seja, muitas fiéis andavam com Cristo. Maria, no entanto, era *aluna* regular dele, assim como os demais apóstolos que ele escolhera.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O significado de um nome

No aramaico, língua falada por Jesus e seus seguidores, Maria talvez fosse chamada de Maryam, nome que, no entendimento dos antigos rabinos, queria dizer algo como "obstinação" ou "rebelião". Esse era também o nome de Miriam, a audaciosa irmã de Moisés que teve papel fundamental no relato do Êxodo, quando o povo israelita foi liberto do cativeiro egípcio. O Evangelho de Mateus prefere essa forma original ao correlato grego "Maria", que é como a conhecemos hoje.

Que ela é a "Madalena", até mesmo para diferenciá-la de outras Marias, fica claro no texto, pois este assume que seu lugar de procedência seria uma cidade chamada Magdala, às margens do lago de Genesaré, também conhecido como mar de Tiberíades ou mar da Galileia. Não se preocupe se esses nomes forem usados alternadamente, pois todos se referem ao mesmo lago de água doce no norte de Israel. E, o mais importante, a região foi palco de grandes eventos no ministério de Jesus.

É necessário, no entanto, esclarecer que a referida cidade não é em momento algum citada no Novo Testamento, a menos que entendamos que a Magadã mencionada em Mateus 15:39 seja a cidade de Magdala. Essa seria, portanto, uma inferência à conclusão de que Maria Madalena significa Maria procedente de Magdala. Porém, mesmo que não tenhamos mais informações de sua relação com essa cidade, a ligação de seu nome ao da localidade não é uma hipótese vazia. Por ora, basta dizer que a maior parte dos acadêmicos entende que a cidade de Magdala coincide com o sítio arqueológico de mesmo nome que jaz aos pés do monte Arbel. Magdala era a forma do nome em aramaico; já no hebraico, idioma que também era falado por boa parte da população judaica, a cidade se chamava Migdal. Em ambas

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

as línguas, o sentido do nome seria algo como "construção em forma de torre".

Assim, alguns entenderam que Maria Magdalena pode ser tanto Maria vinda de Magdala como Maria, a Torre, pois o Evangelho de Lucas, numa passagem, refere-se a ela como "Maria, chamada Madalena" (Lc 8:2). Outros, porém, ficam apenas com a segunda hipótese, negando qualquer significado geográfico ao epíteto "Madalena".

É o caso do estudo publicado pelas teólogas Elizabeth Schrader e Joan Taylor.[3] Nele, as autoras levantam a hipótese de que "Madalena" não se refira a seu local de origem, mas a um título honorífico relacionado a "torre" ou a "ampliada". É uma ideia interessante, não fossem o exagero e a exclusão da procedência geográfica em relação ao nome.

As autoras ignoram, por exemplo, que o próprio Evangelho de Lucas, além de se referir a ela como "Maria, chamada Madalena", inverte os termos numa passagem posterior e a chama de "a Madalena, [isto é,] Maria" (Lc 24:10). As traduções modernas geralmente não seguem essa ordem, mas é assim que está no texto grego. Isso pode sugerir que o apelido "Maria, a Torre" não negava a procedência, mas implicava algo mais que sua origem. Um epíteto, quem sabe, dado pelo próprio Cristo, como o fez no caso de Simão, que recebeu do Salvador o apelido de Cefas ou Pedro, que quer dizer "rochedo" ou "pedregulho" (Jo 1:42). Há também o caso dos irmãos Boanerges, nome que quer dizer "filhos do trovão" (Mc 3:17), usado por Jesus para se referir a Tiago e João por conta do temperamento explosivo deles.

---

3. Schrader, Elizabeth; Taylor, Joan. The meaning of "Magdalene": Review of Literary Evidence. *Journal of Biblical Literature*, v. 140, n. 4, pp. 751-73, 2021.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

No entanto, os evangelhos não afirmam em nenhum de seus episódios que Madalena era um apelido dado por Cristo ou pela igreja *a posteriori*, por causa da sua altivez. Trata-se de uma inferência especulativa, de modo que Schrader e Taylor parecem ter ido além das evidências. Não há motivos para negar que Madalena ou Magdalena tenha a ver com a cidade onde ela nasceu. Antigos autores como Orígenes (*Comentário sobre Mateus* 14:1) e Eusébio (*ad Marinum* 2.9) já diziam isso. Vamos considerar, porém, que o título não se resume à questão geográfica.

Já no século 4 d.C., Jerônimo, importante teólogo e tradutor da Igreja, afirmava que Maria de Magdala recebera o epíteto "fortificada com torres" em razão da força e da intensidade de sua fé, que lhe concedeu o privilégio de ver Cristo ressurreto "mesmo antes dos demais apóstolos" (*Epistola* LXV *ad Principiam virginem*, 22, col. 1.090). Há também os que advogam que o nome teria alguma relação com sua profissão, pois Magdala tem uma sonoridade similar à expressão aramaica *magdilã nshaya*, que quer dizer "cabeleireira" ou "esteticista" das mulheres. Porém, essa é uma dedução feita a partir de uma obscura citação do Talmude somada a uma acusação rabínica medieval com o intuito de se contrapor aos seguidores do cristianismo. Logo, é razoável supor que a equiparação seja mais uma artificialidade do pensamento judaico conservador que uma etimologia real da palavra.

Menos evidente é a proposta mencionada por Thomas F. McDaniel, autor do livro *Clarifying Baffling Bible Passages* [Esclarecendo passagens desconcertantes da Bíblia],[4] segundo quem o nome Madalena teria vindo do aramaico *gadal*, que significa "tecer", "entrelaçar", "entrançar", "vestir cabelos" e que, por isso, seu nome é explicado como uma referência aos cabelos

4. McDaniel, Thomas F. *Clarifying Baffling Biblical Passages*. [*S. l.*: *s. n.*], 2007, pp. 338-339.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

sedutoramente trançados no léxico árabe-siríaco de Bar-Bahlul (c. 953 d.C.).

Em que pese o caráter especulativo e improvável dessas propostas, é importante mencionar que, nos dois livros de Lucas – o terceiro evangelho e o livro de Atos –, quando uma pessoa era conhecida tanto por um apelido quanto por sua procedência, ela era nomeada de maneira especial fosse por Jesus, fosse pelo autor bíblico, exatamente como Maria. Assim, encontramos expressões como "Simão, chamado Zelote" (Lc 6:15; At 1:13); "Judas, chamado Iscariotes" – porque vinha da vila de Queriote (Lc 22:3); "Simão, que também é chamado de Pedro" (At 10:18); "Simeão, chamado Níger" (At 13:1), sendo Níger uma palavra latina que significa "escuro" ou "negro" e pode ter relação com o reino de Cuxe ou com a Etiópia, acumulando as funções descritiva e geográfica. E, finalmente, Judas, chamado Barsabás (At 15:22).

Nada, portanto, impede supor que o sobrenome Magdalena fosse tanto um apelido de procedência quanto um título honorífico que Maria recebera de Cristo. Com essas considerações, o que se evidencia é que não estamos diante de uma figura qualquer e que o modo como os autores bíblicos a mencionam caracteriza uma intencionalidade, um recurso literário com o fim de destacar sua importância narrativa.

Preconceitos e devaneios

Um cuidado importante na busca pela verdadeira história de Maria Madalena é não cair na tentação de buscar correlações artificiais entre certos debates da atualidade e as questões que permeavam a igreja cristã primitiva ou o núcleo original dos discípulos de Jesus. O ideal é deixar "os mortos falarem de si", ou

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

seja, permitir que a informação primária venha dos textos antigos, sobretudo do Novo Testamento.

É claro que, neste caso, a recorrência às fontes primárias é limitada e pode não estar isenta de um viés ideológico. Há um grande risco em tornar a personagem estudada uma extensão de nossos anseios, nossas pautas ou nossos preconceitos, fazendo dela uma figura muito distinta da que de fato existiu. Devemos admitir que não apenas a teologia, mas a própria filosofia ocidental foram marcadas por uma percepção androcêntrica dos fatos, o que, de modo descompensado, gerou misoginias e exclusões do gênero feminino. Contudo, não se pode corrigir isso ao tentar entender uma mulher judia do século 1 d.C. pensando como uma brasileira do século 21.

Alguns talvez se espantem ao descobrir que, assim como a mulher ocidental vê na burca um símbolo de opressão, muitas mulheres do Oriente veem no biquíni um sinal de promiscuidade aprisionadora. O perigo, parafraseando Carl Rogers, um dos mais famosos psicólogos estadunidenses, é deixar de ver o mundo com os olhos do outro e, ao mesmo tempo, não perceber como o nosso se reflete nos olhos dele.[5]

O anseio por evidenciar uma agenda preconcebida – liberal ou conservadora – pode nublar até mesmo a percepção de especialistas gabaritados, como foi o caso de Karen L. King, professora de teologia da Divinity School, de Harvard. Em 2012, ela anunciou com entusiasmo para jornalistas de todo o mundo a descoberta de um fragmento de papiro datado do século 4 d.C. que anunciava Maria Madalena como esposa legítima de Jesus. O texto em copta trazia catorze linhas, das quais apenas oito eram legíveis. Segundo especialistas que endossaram a tradução,

5. Rogers, Carl. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 256.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

os primeiros vocábulos registravam "Jesus disse a eles, minha esposa ..." e, depois, "ela poderá ser minha discípula".[6]

Para King, aquele fragmento era a prova de que alguns dos primeiros cristãos criam que Jesus fosse casado – e com Maria Madalena, para o desconforto de muitos! O problema é que, além de ser um texto tardio, cronologicamente distante do Jesus histórico, seu conteúdo foi confirmado como uma falsificação grosseira feita por um homem chamado Walter Fritz.

Fritz, nascido na Alemanha Ocidental, colecionava fracassos e falsificações. Ingressou no departamento de egiptologia e coptologia da Universidade Livre de Berlim no final dos anos 1980, onde ficou conhecido pelo temperamento impetuoso e teimoso. De repente, abandonou o curso. Alguns pensam que o sumiço teria relação com um artigo científico em que ele copiou integralmente as ideias de um professor – afinal, foi pouco tempo após publicá-lo que Fritz desapareceu do *campus*.

Entre uma coisa e outra, ele conseguiu emprego na diretoria do Museu Stasi em Berlim. No entanto, demonstrando não ter o treinamento adequado para a função, logo pediu demissão do cargo, deixando para trás uma situação no mínimo suspeita: o desaparecimento de vários artefatos arqueológicos. Coincidência ou não, após sua saída, as peças do acervo pararam de sumir.

Em 1992, ele se mudou para a Flórida, nos Estados Unidos, e conheceu Laukamp, alemão que se tornou seu sócio no ramo de peças automobilísticas. Ao mesmo tempo que trabalhava com carros, Fritz se tornara proprietário de alguns sites pornográficos, inclusive produzindo filmes da esposa com outros homens.

---

6. King, Karen L. "Jesus said to them, 'My wife ...': A New Coptic Papyrus Fragment". *Harvard Theological Review*, v. 107, n. 2, p. 133, 2014.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Quando enfrentava problemas financeiros, Fritz mandou e-mails para Karen King dizendo ter adquirido um antigo papiro de seu sócio, que, por sua vez, o teria comprado na Alemanha Oriental, nos anos 1960. A coleção supostamente continha seis fragmentos e teria sido comprada pela bagatela de 1.500 dólares, uma quantia insignificante caso se tratasse de originais. Junto com a nota fiscal, Fritz enviou a cópia de uma carta datada de 1982, na qual o professor Peter Munro, da Universidade Livre de Berlim, declarava ter examinado os papiros junto com um colega e que todos pareciam verdadeiros – um, inclusive, seria uma cópia antiga do Evangelho de João.

Tanto o sócio de Fritz como o professor Munro já haviam morrido na ocasião da troca de e-mails. Assim, era impossível checar a veracidade da história, embora vários acadêmicos tenham transmitido desconfiança não apenas quanto à procedência do material, mas também em relação a erros grosseiros de redação que colocavam sob suspeita a autenticidade de seu conteúdo. As únicas partes gramaticalmente corretas pareciam cópias grosseiras de uma edição on-line de outro texto copta primitivo, o Evangelho de Tomé.

Nesse ínterim, Fritz, então falido e desempregado, havia apresentado um diploma falso de mestrado em egiptologia pela Universidade Livre de Berlim para tentar uma vaga como professor no sistema escolar de Sarasota, na Flórida. No entanto, o diploma também apresentava um erro grosseiro. Os professores mencionados na parte inferior do certificado ensinavam estudos europeus modernos, não egiptologia.

Assim, os motivos para suspeita eram mais que evidentes, mas o entusiasmo pelo que parecia ser uma grande descoberta cegou a conceituada acadêmica. Foi com grande constrangimento

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

que King veio a público afirmando que nada daquilo tinha procedência.

Ao que parece, a vaidade acadêmica, somada ao *frisson* causado pelo livro *O código da Vinci*, de Dan Brown, fez com que a "prova" do casamento de Jesus fosse o Santo Graal da vez – uma verdade oculta que abalaria de vez as estruturas do cristianismo. King admitiu desde o princípio que o papiro não provava que Jesus realmente havia se casado; no entanto, o interesse estava em comprovar que cristãos primitivos acreditavam nisso. Tais observações se somavam a uma insinuação perfeita de que verdades inconvenientes ao cristianismo haviam sido censuradas pela ala conservadora da igreja.

A compreensível avidez de King em defender pautas como o papel da mulher na igreja cristã primitiva acabou por cegá-la quanto aos problemas de sua fonte primária, tornando-a presa fácil de falsificadores como Walter Fritz.[7] Uma coisa é querer descobrir a verdade, outra é querer que ela esteja ao nosso lado, custe o que custar. Esse é o grande calcanhar de aquiles de muitas pesquisas acadêmicas. Sim, religiosos fundamentalistas também são pródigos em fazer declarações para além das evidências. Por isso, a primeira regra para uma boa pesquisa é reconhecer quais indícios realmente possuímos e aceitar quando não vale a pena seguir adiante.

Embora difícil, é desejável vermos a realidade por outros ângulos que não apenas o nosso. Isso não implica na relativização de valores ou na falta de posicionamento diante da informação recebida. Estudar a vida de alguém como Maria Madalena é como lapidar um diamante bruto: um trabalho árduo com

---

7. Sabar, Ariel. *Veritas:* A Harvard Professor, a Con Man and the Gospel of Jesus's Wife. Nova York: Anchor Books, 2021.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

resultados surpreendentes. Sua história pode lançar luz não apenas sobre os primórdios do cristianismo, mas também sobre nossa própria vivência enquanto seres pensantes que refletem sobre sua fé ou sobre a falta dela.

A busca histórica por Madalena

Ao se empenhar na busca por um personagem tão antigo, podemos nos perguntar: como saber, no século 21, alguma coisa sobre alguém que viveu milênios atrás? A dificuldade é real, mas não deve ser empecilho para que busquemos a história de alguém que viveu séculos antes de nós.

Ao lado das narrativas dos textos antigos, a arqueologia das terras bíblicas será de grande auxílio para termos uma ideia aproximada de quem Maria foi e de como ela viveu. As escavações ainda em curso no sítio arqueológico de Magdala nos dão pistas sobre aquela que teve seu sobrenome atrelado a essa antiga cidade portuária da região da Galileia, ao norte de Israel. Sem abdicar das fontes documentais escritas, é possível ler em pedras, cerâmicas e restos de civilização um relato válido para recriar o passado distante.

Além disso, é importante que se faça uma distinção entre a Maria Madalena da história – ou, pelo menos, da Bíblia – e aquela construída pelo imaginário popular e pela tradição pós-apostólica. Afinal, há sérias distinções entre elas. À parte o que dizem os evangelhos, nos quais Maria é mais mencionada que a mãe de Jesus, temos uma gama de informações tardias que a retratam de modo muito diferente do que disseram Mateus, Marcos, Lucas e João.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Nessas tradições posteriores, formadas a partir do século 2 d.C., Maria é descrita como discípula, profetisa, visionária, líder, mestra de sabedoria e rival de Pedro. Sua suposta posição como esposa de Cristo é bem menos evidente. Tudo o que os textos revelam – e, mesmo assim, de modo indireto – é uma possível relação de amor espiritual entre os dois, que em nada se assemelha à atração física.

Ademais, não seria um desastre para a fé cristã descobrir que Maria era apaixonada por Jesus. Afinal, o amor conjugal faz parte da essência de todos nós. Entretanto, para desapontamento de muitos que apreciam versões sensacionalistas de histórias comuns, a verdade sobre Maria Madalena – como acentuou Helena Barbas, autora do livro *Madalena* – é que não existe verdade alguma: "Todos os mistérios com que os romances mais recentes pretendem envolver a figura [de Maria Madalena] são o segredo da mera ignorância dos seus autores, ou da exploração da total ausência de fatos e artefactos históricos."[8]

Por isso, podemos concluir que a sugestão de que Jesus e Maria Madalena se casaram e tiveram uma filha não tem apoio nas fontes mais antigas. Muitos acreditaram nisso, como os cátaros, membros de uma seita cristã medieval do sul da França. Eles, contudo, se baseavam em interpretações literalistas de certas passagens bíblicas que não oferecem subsídio para tal ideia.

Houve ainda outra crença medieval, sugerida pelo monge e historiador Domenico Cavalca (c. 1270-1342), segundo a qual Maria Madalena seria esposa não de Jesus, mas do apóstolo João. Ele afirmava, citando São Jerônimo, que Maria estava prometida ao "discípulo amado" – como João era conhecido no círculo dos apóstolos. "Gosto de pensar", escreveu Cavalca,

---

8. Barbas, Helena. *Madalena:* História e mito. Lisboa: Ésquilo, 2008, p. 11.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

"que Madalena era esposa de João".[9] Maria Madalena e João Evangelista foram, inclusive, considerados os noivos das Bodas de Caná da Galileia, episódio do evangelho em que Jesus realiza seu primeiro milagre, transformando água em vinho. Nessa versão tardia, o noivo, que seria João, a abandona no altar para seguir a Cristo. Curiosamente, é o próprio João que narra o milagre no capítulo 2 de seu evangelho, sem qualquer referência ao suposto abandono.

Mas a lenda se espalhou de tal forma pela Europa que, em 1449, o rei Renato de Anjou, da França, doou uma ânfora à Catedral de Angers, alegando que o objeto fizera parte do conjunto original de jarros que Jesus usou para transformar água em vinho. O monarca havia comprado o artefato das freiras de Marselha, que, por sua vez, afirmavam que ele fora levado à França pela própria Maria Madalena, como recordação do dia em que foi abandonada em sua festa de casamento.

Essas foram apenas algumas das histórias envolvendo o nome de Maria que se tornaram controvérsias teológicas. Os "pais da Igreja", assim chamados por terem sido os primeiros autores do cristianismo pós-apostólico, dão a entender que, assim como, na época de Paulo, havia dentro do cristianismo grupos rivais que apelavam para a autoridade deste ou daquele apóstolo a fim de legitimar seus ensinos, também houve nos séculos 2 e 3 d.C. movimentos dissidentes que buscavam na figura de Madalena a autoridade eclesiástica que justificaria sua oposição.

O cristão Hipólito de Roma escreveu, no século 3 d.C., um livro intitulado *Refutação de todas as heresias*, em que fala de Maria Madalena, a quem preferiu chamar de Mariamne (ou

9. Cavalca, Domenico. Vita di S. Maria Maddalena in *Vita dei Santi Padri*, Archivio Romanzo. Roma: Del Galluzzo, pp. 329-86, 2009.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Mariamme). Na obra, ele descreve as atividades de um grupo dissidente conhecido como naasenos, que se diziam seguidores dos ensinos de Maria Madalena. Para eles, Madalena seria a transmissora de supostos segredos que Jesus revelara a seu irmão Tiago e a mais ninguém no grupo dos doze.

> Estes são os pressupostos dos muitos discursos que eles [os naasenos] fazem, afirmando que Tiago, o irmão do Senhor, transmitiu a Mariamne [i.e. Maria Madalena]. Então, para que os ímpios não falem mais falsamente de Mariamne, nem de Tiago, nem de seu Salvador, chegaremos aos Mistérios, de onde vem sua fábula, [...] falando falsamente de Cristo. (*Refutação de todas as heresias*, v. 7,1)

Curiosamente, é possível encontrar na Itália um antigo sarcófago cristão do século 3 d.C., hoje exposto no museu de Termas de Diocleciano, que parece ilustrar esse ensino dos naasenos. O objeto traz o que talvez seja a figura de Cristo ladeado por um homem e uma mulher: Tiago e Maria Madalena.

A existência de um grupo de discípulos de Mariamne, ou de Maria Madalena, é atestada por outro antigo autor cristão, contemporâneo de Hipólito, chamado Orígenes. Em um de seus mais importantes tratados em defesa da fé cristã, redigido contra os argumentos de um judeu chamado Celso, ele afirma: "Celso conhece ainda os marcelinianos discípulos de Marcelina, os harpocratianos discípulos de Salomé, além de outros discípulos de Mariamne e de Marta" (*Contra Celso*, v, 62). Diz ainda que ele mesmo nunca havia encontrado um membro dessa seita, mas, de todo modo, não duvidou de sua existência. Logo, é razoável supor que, em algum momento no final do século 2 d.C., existiu uma vertente do cristianismo centralizada na autoridade de Maria Madalena. Esse grupo teria perdurado, pelo menos, até meados

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

do século 3, se considerarmos o túmulo do museu de Termas e entendermos que as críticas de Tertuliano, outro autor cristão da época, contra certas "mulheres heréticas" incluíam as líderes femininas que se inspiravam em Maria Madalena para defender seu direito de ministrar ritos religiosos na Igreja.

Outras referências a Maria Madalena aparecem em documentos cristãos antigos, como textos disciplinares, hinos litúrgicos e numa suposta carta de Tibério a Pilatos, considerada falsa pela maioria absoluta dos especialistas. Uma cópia do evangelho apócrifo de Pedro datada entre os séculos 8 e 9 também faz alusão a ela.

No entanto, nenhum grupo foi mais detalhista em falar de Maria Madalena que os gnósticos, um dos mais profícuos segmentos sectários do cristianismo.

Planeta

O gnosticismo

Em poucas palavras, pode-se dizer que o termo gnosticismo se refere a ideias que surgiram no cristianismo a partir do final do século 1 de nossa era, quando João, o último dos apóstolos, ainda estava vivo. Não se tratava de um sistema único, muito menos uniforme. Havia diversas correntes do pensamento gnóstico, algumas até mesmo contraditórias entre si, e todas rejeitadas pelo cristianismo apostólico.

Preocupados com a impopularidade da pregação cristã no Império Romano, os gnósticos – bem como outros movimentos sectários do cristianismo – procuravam criar uma imagem de Jesus que fosse mais bem aceita pela sociedade da época, em especial por filósofos e pensadores greco-romanos. Por isso, misturavam relatos extraordinários de Cristo com complexas

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

concepções sobre a criação do mundo, a fim de atrair os grandes intelectuais de Roma, Atenas e, principalmente, Alexandria, reconhecida como o centro intelectual do mundo antigo.

Segundo os moldes culturais da época, o Cristo apresentado nas cartas de Paulo e nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João não era adequado para o judaísmo clássico nem para o mundo pagão que o circundava. Aliás, o próprio apóstolo Paulo admitiu isso quando escreveu: "nós pregamos o Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios [*i.e.*, os não judeus]" (1Co 1:23).

Para os judeus, a ideia de um Deus crucificado e ressurreto era blasfêmia; para os gregos, histeria. Pense na cruz, símbolo máximo da pregação cristã. Nós, que vivemos numa sociedade nominalmente cristã, não temos problema com ela. Pelo contrário, fazer o sinal da cruz pode ser tanto um gesto de respeito ao passar por uma igreja quanto um pedido de proteção diante de perigo iminente. Não é por menos que nossas ambulâncias trazem uma cruz vermelha. No mundo de Roma não era assim. Cruzes eram sinal de vexame, culpa e maldição. Apenas ladrões, rebeldes fracassados e criminosos eram crucificados. No dia a dia, a palavra *crux* ("cruz", em latim) era usada como xingamento pelos romanos, e até os judeus consideravam maldito aquele que morria pendurado num madeiro (cf. Dt 21:23 e Gl 3:13).

Cícero, o mais brilhante advogado dos tempos de Júlio César, chamava a crucificação de "a mais extrema, mais cruel e angustiosa forma de punição" (*Verrem* II.5.165 e 168). Por isso, nenhum cidadão romano poderia ser condenado à crucificação. Afinal, o horror desse tipo de execução era tão absurdo que o dramaturgo Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), ao escrever a seu amigo Lucilius, argumentava preferir o suicídio à morte de cruz (Epístola 101). Agora imagine, nesse contexto, um cristão lendo em público os

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

dizeres de Paulo em Gálatas 6:14: "Mas longe de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo". Ou, pior, o convite do próprio Cristo, registrado no Evangelho de Lucas 9:23: "Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, dia a dia tome a sua cruz e siga-me". Quem em sã consciência faria isso?

Assim, a ênfase que o Novo Testamento dava à cruz de Cristo – o Evangelho de João diz que ali ele seria glorificado – não fazia sentido aos ouvidos pagãos. Definitivamente, esse não era o Messias que os judeus esperavam, muito menos o mestre que atrairia gregos e romanos. Com esse contexto em mente, fica mais fácil entender as motivações que deram início ao gnosticismo e outros movimentos sectários. Para esses grupos, era imperativo reconstruir uma imagem mais aceitável de Jesus. E, como veremos, Maria Madalena seria um elemento-chave para isso.

Por ora, basta saber que, em linhas gerais, os gnósticos valorizavam uma espécie de conhecimento especial concedido por revelação a um grupo seleto de pessoas, por meio do qual a salvação seria obtida. Não eram, portanto, a fé e a graça que salvariam o indivíduo, mas o conhecimento secreto que este possuísse acerca de si mesmo, do Cosmos e de Deus. Daí o nome *gnosticismo*, que vem do grego *gnôsis* e que significa "conhecimento".

Para os gnósticos, havia tamanho abismo entre o espírito e a matéria que o Deus Todo-Poderoso jamais poderia ter criado o mundo físico ou ter participado dele. Quem criou a matéria com os defeitos que ela possui foi o *demiurgo*, espécie de artífice divino que estaria abaixo do Deus supremo e seria, em última instância, o responsável pelo surgimento do mal. Nessa perspectiva, a redenção dos seres humanos estaria na libertação de sua alma, aprisionada de forma circunstancial no corpo físico.

As implicações desse ensino para a doutrina cristã eram evidentes. Pelos critérios do gnosticismo, Cristo jamais poderia ter

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

encarnado, muito menos morrido na cruz do calvário e ressuscitado num corpo físico. Sua morte foi apenas um teatro que não garante nossa redenção nem guarda qualquer relação com ela. O que nos salva é o conhecimento que adquirimos desse complicado sistema cosmogônico.

Eles também distinguiam entre Jesus, homem bom do passado, e Cristo, um espírito celestial que tomou conta de sua mente no dia de seu batismo e o abandonou no dia de sua morte. De acordo com os gnósticos, essa foi a razão pela qual uma pomba espiritual apareceu no céu voando sobre Jesus, depois de ser batizado por João Batista no rio Jordão (Lc 3:22), e, no dia de sua morte, no calvário, esse mesmo espírito se foi, deixando-o sozinho a gritar: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27:46).

A partir do século 2, nesse espírito de correções e adaptações culturais dos evangelhos canônicos, começaram a surgir outros evangelhos paralelos que suprimiam as dificuldades naturais levantadas pela pregação de Paulo, bem como pela versão original de Mateus, Marcos, Lucas e João. As versões tardias foram chamadas de evangelhos apócrifos, e os gnósticos produziram farta literatura desse tipo.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.